

Hubert Seiwert: Facetas da Relação entre Budismo e Religiões Monoteístas*

Entrevista a Frank Usarski

REVER: *O senhor poderia nos dar uma visão acerca dos princípios “dogmáticos” e dos recursos tradicionais relevantes (sutras etc.) que têm servido como referências para o encontro entre o Budismo e as religiões monoteístas?*

SEIWERT: Temos que levar em consideração que “o Budismo” não possui uma base dogmática unificada que poder-se-ia comparar com, por exemplo, a Torá, o Novo Testamento ou o Corão. Na medida em que podemos reconstruir a doutrina de Buda a partir do cânon *páli* do Budismo *Theravada*, ela não contém dogmas compulsórios mas propaga um caminho prático de salvação, isto é, para a libertação do sofrimento enraizado na existência. É correto que esse caminho implica na compreensão das causas do sofrimento e de sua superação, porém não no sentido de um dogma, mas sim no sentido de um meio de alcançar a libertação. De acordo com esse princípio, os ensinamentos e as práticas de outras religiões não são avaliados como errados, uma vez que para a salvação é simplesmente desnecessário se preocupar com eles. Em outras escolas budistas, especialmente nas do *Mahayana*, afirma-se que o Budismo abrange muitos meios e caminhos diferentes para a salvação. Diz-se que a pluralidade desses caminhos leva em consideração as diferentes condições e faculdades dos seres humanos. Com isso, considera-se implicitamente a possibilidade de que, sob determinadas circunstâncias, outros caminhos possam fornecer meios adequados no caminho para a salvação.

REVER: *A partir de que momento ou período histórico o encontro entre o Budismo e as religiões monoteístas se tornou manifesto e quais as circunstâncias geográficas e sócio-culturais sob as quais encontros recentes ocorreram?*

SEIWERT - Apenas relativamente tarde na sua história o Budismo viu-se confrontado com as religiões monoteístas, ou seja, com religiões com as quais não havia tido contato nenhum na fase primitiva do seu desenvolvimento. A situação era diferente no que diz respeito ao Hinduísmo, se quisermos denominar o ambiente religioso predominante na Índia na época

* Hubert Seiwert é professor catedrático de Ciência da Religião da Universidade de Leipzig, Alemanha.

do Buda com esse termo. Conta-se que havia uma certa rivalidade entre o Buda e representantes de outras religiões, especialmente alguns brâmanes. O debate com o Cristianismo começou apenas depois que missionários cristãos chegaram em países budistas. Esse debate foi especialmente acentuado no Sri Lanka, onde o contato com o Cristianismo levou diretamente ao surgimento de movimentos budistas de reforma. A expansão do Islã na Índia a partir do século X teve um impacto imediato na história do Budismo. Sob o governo muçulmano, muitos mosteiros budistas foram destruídos, um fato que alguns especialistas consideram como causa principal do desaparecimento do Budismo na Índia. Não há indicações de que, além desses confrontos violentos, houve debates intelectuais entre as duas religiões.

REVER: A relação entre o Budismo e as religiões monoteístas sofreu modificações no curso da história, por exemplo, em termos de uma maior intimidade mútua e/ou rejeição (talvez unilateral)? Em caso afirmativo, quais desenvolvimentos intra-religiosos (dentro do Budismo/das religiões monoteístas) contribuíram para as mudanças das relações entre as duas religiões?

SEIWERT: O Budismo tem uma história de mais que 2500 anos e se expandiu para culturas diferentes no Sul e no Sudeste da Ásia, na Ásia Central e no Extremo Oriente. É óbvio que nesse vasto território houve inúmeras mudanças de todo tipo, inclusive as que se referem à relação com outras religiões. Vale lembrar que a questão da relação com outras religiões não se pode reduzir a idéias e práticas religiosas propriamente ditas. Tem-se que levar em consideração as estruturas políticas, sociais e étnicas em que o encontro tem ocorrido. O Budismo no Sri Lanka, por exemplo, é intimamente relacionado à identidade cultural-étnica dos cingaleses. No decorrer da história daquele país houve periodicamente conflitos entre cingaleses budistas e tamis hindus e até hoje alguns monges budistas são representantes militantes de um nacionalismo cingalês. Claro que é difícil diferenciar os componentes religiosos e étnicos desses conflitos. Em outros países como no Nepal, porém, budistas e hindus convivem pacificamente. Semelhantemente complexa é a relação entre o Budismo e o Cristianismo, que se desenvolveu sob circunstâncias variáveis. Geralmente, missionários cristãos em países budistas foram protegidos por poderes colonialistas ocidentais. Isso fez com que muitas vezes a resistência contra o colonialismo ocidental se articulasse em uma

resistência contra o Cristianismo. Ao mesmo tempo, vale lembrar que há o nível de diálogo intelectual que facilita evitar conflitos.

REVER: Há diferenças entre as escolas budistas em termos da percepção budista acerca de uma reação contrária ou de colaboração com as religiões monoteístas?

SEIWERT: Independente do número exato das escolas budistas que se desenvolveram no decorrer da história e que existem até hoje, pode-se afirmar que há muitas diferenças entre elas. Mas essas diferenças internas não atingem a relação com o Judaísmo, Cristianismo e Islã. O que conta, porém, são a intensidade e as formas do contato com as religiões monoteístas. O processo de globalização não afeta todas as escolas budistas de mesma maneira. Algumas linhas, como por exemplo a corrente japonesa Soka Gakkai, estão interessadas em ganhar uma visibilidade internacional, o que faz com que o contato com representantes de outras religiões seja mais freqüente. No caso do Budismo tibetano, o exílio do Dalai Lama e a fuga de grande parte do clero fez com que seu impacto ultrapassasse em muito os limites geográficos do Tibete. Por conta disso, essa corrente do Budismo tem atualmente mais motivos para se ocupar de outras religiões do que há um século. O contato com o Hinduísmo não é um resultado da globalização moderna. O Budismo é originalmente uma religião indiana e a relação entre ele e o Hinduísmo é comparável à que existe entre o Judaísmo e o Cristianismo. Isso significa que, além de divergências, há muitas convergências. O Dalai Lama, por exemplo, que vive na Índia há cerca de meio século, chamou atenção para as raízes comuns do Hinduísmo e do Budismo. Por outro lado, muitos budistas indianos destacam sobretudo os aspectos que distinguem as duas religiões.

REVER: Quais representantes budistas têm se destacado no diálogo mais recente com as religiões monoteístas e quais são as características principais das suas posições?

SEIWERT: Acho que a formulação “diálogo das religiões” é bastante enganadora. Nem o Budismo nem as religiões monoteístas são capazes de realizar um diálogo propriamente dito, ou seja, no sentido em que, digamos, Estados dialogam entre si. Os últimos possuem representantes eleitos ou legitimados de alguma outra forma. Mas quem poderia representar o Budismo numa base legítima? O Dalai Lama é o líder religioso de uma determinada escola

do Budismo tibetano e o líder político dos tibetanos em exílio. Mas ele não pode falar em nome *do* Budismo tampouco como o Papa, como representante superior da Igreja Católica, poderia falar em nome *do* Cristianismo. Por outro lado, personalidades como o Dalai Lama, o Papa e outros personagens destacados em suas respectivas religiões são importantes como porta-vozes quando se pronunciam sobre a relação com outras religiões. Mas um verdadeiro diálogo não ocorre no nível das religiões, mas entre seres humanos.

REVER: Está o diálogo entre o Budismo e as religiões monoteístas parcialmente institucionalizado em termos de reuniões especiais ou regulares ou, ao menos, contextualizado em reuniões inter-religiosas de um objetivo mais amplo? Se há reuniões especiais, quem é responsável pela organização destes eventos? Quem está engajado nessa espécie de diálogo?

SEIWERT: Conversas entre representantes de diversas religiões têm acontecido por inúmeras ocasiões em um espectro entre encontros locais e grandes eventos como o do Parlamento Mundial das Religiões em 1893 em Chicago, EUA. Entretanto, há o Conselho de Parlamento das Religiões Mundiais, com a finalidade de institucionalizar o diálogo entre membros de diversas religiões no nível global. Com esse intuito foram organizados vários grandes congressos internacionais a partir de 1993. Infelizmente, eu não sou suficientemente informado sobre o trabalho prático dessa e outras instituições. Todas elas nasceram de iniciativas de pessoas particulares. Portanto, não se trata de entidades “oficiais”, mas de tentativas de estabelecer redes sociais em prol do intercâmbio religioso.

REVER: É possível identificar os principais temas do diálogo atual (por exemplo: crise ambiental, o papel da mulher, pena de morte, eutanásia)? Em caso afirmativo, em quais aspectos os parceiros do diálogo concordam / discordam?

SEIWERT: Do ponto de vista daqueles que se engajam nas diversas formas do diálogo, o que geralmente conta são os interesses comuns, mas não a disputa sobre divergências e pontos de conflito. É claro que é relativamente fácil chegar a um acordo de que a paz mundial e a superação de opressão e da injustiça são objetivos comuns. É mais difícil quando algo concreto está em pauta, por exemplo, a questão sobre a legitimidade de uma missão cristã em um país budista ou vice versa.